



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A televisão na fala da audiência feminina¹

Josenildes Santos de Oliveira,

UFBA

Resumo:

Este texto procura refletir em torno da condição feminina, e da exclusão social/midiática das mulheres que não estão inseridas no contexto brancas-ocidentais-burguesas-heterossexuais.

Questiona-se como os programas voltados para o público feminino da TV aberta brasileira estão influenciando determinados grupos de mulheres que possuem a televisão como veículo de maior informação para a busca de exercícios de direitos e cidadania.

Propõe-se, então a tarefa de ouvir o que essas mulheres (que pode-se chamar de social e midiaticamente marginalizadas) pensam desses programas. Quais são seus efeitos nesse público que é também o que mais assiste a este tipo de produto comunicacional?

Palavras- chave: condição feminina, televisão, programas femininos.

¹ Trabalho apresentado no NP13 – Núcleo de Pesquisa Comunicação e Cultura das Minorias, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A TELEVISÃO NA FALA DA AUDIÊNCIA FEMININA

No artigo “Condição feminina: da opressão à resistência”, Maria da Conceição Carrion traça a história de opressão e resistência de que as mulheres são vítimas. Ela demonstra que a luta de resistência das mulheres é secular e que diversas foram e continuam sendo as formas pelas quais elas têm se oposto através de toda a história da humanidade às barreiras impostas à sua plena participação social (Albarnoz, 1985).

Sem ter a pretensão de estabelecer uma discussão sobre o relato histórico das conquistas realizadas pela mulher desde a origem dos povos primitivos, cabe salientar que a mulher teve que percorrer um longo percurso para estar enquadrada no conceito atual de “mulher moderna”.

O período pós segunda guerra mundial foi marcado pelo aumento de atividades relacionadas à conquista de liberdades democráticas em todo o mundo. Em 1943, no Brasil, a mulher passou a trabalhar livremente sem a necessidade de autorização do esposo, porém, o marido poderia impedi-la de trabalhar, se julgasse como prejudicial aos vínculos familiares ou constituísse perigo às condições peculiares das mulheres².

Em 1962 suprimiu-se do Código Civil Brasileiro, o Código da Mulher Casada, que a considerava relativamente incapaz, comparada à menores de idade. Em 1967 elabora-se a primeira Constituição após a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nela fixa-se expressamente o preceito que garante a igualdade, sem distinção de sexo³.

O novo Código Civil brasileiro aprovado pelo Congresso Nacional em 15 de agosto de 2001, depois de 26 anos de tramitação, estabelece igualdade entre os cônjuges, o que já estava descrito na Constituição federal de 1988. Além da guarda dos filhos, os homens também podem incorporar o sobrenome da esposa e até pedir pensão alimentícia à ex-mulher em caso de dificuldades financeiras⁴. As mulheres dividem o título de chefe de família o que constava como exclusividade masculina no antigo código.

² Artigo “Feminismo no brasil. In: <http://www.anelfeminista.com.br> acessado em 05/07/01

³ Idem.

⁴ In: Jornal Correio da Bahia, Aqui salvador, 1º/09/01, p. 2 .



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Observa-se, então, que houve uma luta empreendida por parte das camadas femininas em prol da conquista da plena igualdade de direitos civis e jurídicos, econômicos e políticos. Entretanto, apesar de toda a evolução em termos de garantias da emancipação feminina, a mulher ainda passa por sérias dificuldades para participar plenamente da construção social e exercitar sua cidadania.

Os benefícios decorrentes dessa empreitada feminina à busca de emancipação **não atingiu de forma homogênea a todas as camadas de mulheres.** Isto se comprova quando toma-se de empréstimo as afirmações de Epstein citadas por Pierucci ao informar que no início da década de 1980 a discussão teórica entre as feministas já se deixava polinizar fartamente pela nova descoberta prático-teórica da multiplicidade feminina.

Ainda citando Epstein, Pierucci afirma que mulheres de grande prestígio intelectual começaram a levar a sério a suspeita de que falar da *mulher*, dos problemas e interesses da *mulher* e em especial da “mulher enquanto mulher”, da “mulher enquanto tal”, era ... essencialismo.

Agora, Pierucci cita Spelman (1988, 13) ao explicar o essencialismo :

“Tal como empregado no contexto da teoria feminista, “essencialismo” tem pelo menos dois sentidos principais. Um deles é este: pensar a mulher “enquanto mulher”, com um M maiúsculo latente, inconfesso. O outro significado remete à tendência a encarar certas características de inteligência, afetividade e outras qualidades psicológicas, capacidade expressiva e habilidades práticas como “essencialmente” femininas, no sentido de serem inalteravelmente associadas ao fato de alguém ser mulher. Usado da segunda maneira, o essencialismo, quando não se identifica com o determinismo biológico, fica muito próximo disto. Elizabeth Spelmann comparou a expressão “enquanto mulher” [as a woman] ao cavalo de Tróia. Um presente de grego trazido pelo feminismo essencialista da “segunda onda”, que é por isso acusado de etnocêntrico”. (Pierucci, 1999, 130)

Pierucci ainda diz que as acusações de essencialismo que surgiram logo se avolumaram no decorrer dos anos 80 e podem ser resumidas com as palavras de



Elizabeth Spelmann (1998,4): “o foco sobre as mulheres ‘enquanto mulheres’ contempla na verdade um único grupo de mulheres , a saber, as mulheres brancas de classe média dos países ocidentais desenvolvidos”. Citando agora Harding (1993,8) declara-se que por trás da figura da mulher universal (...) estavam escondidas as “mulheres brancas, ocidentais, burguesas e heterossexuais”, que haviam desde sempre se mostrado insensíveis e indiferentes não só aos problemas das mulheres de outras raças, culturas e religiões, mas até mesmo à sorte das mulheres brancas de outras classes que não a sua, ou praticantes de uma sexualidade distinta da sua (...). (Pierucci, 130 – 1)

Fica instalada a questão de que em determinada fase, o movimento feminista, não percebeu a “diversidade” de mulheres existentes. Apropriadamente, Muniz Sodré acredita que a percepção da diversidade vai além do mero registro de variedade das aparências pois, o olhar ao mesmo tempo em que percebe, atribui um valor e, claro determinada orientação de conduta (Sodré, 1999, 15)

É interessante, então, trabalhar com a mulher que não está contemplada pela luta travada pelo movimento feminista. Pretende-se tratar da mulher que ficou fora do conceito de mulher universal citado por Pierucci.

É interessante tratar, pois, da mulher do cotidiano. Da mulher que segundo Belkis Morgado foi educada para desempenhar papéis de esposa, dona de casa e mãe e, apesar disso, foi empurrada por todo um processo de produção/consumo para um mercado de trabalho ainda inóspito e desleal, no qual não tem as mesmas oportunidades nem a mesma remuneração que os homens (Morgado, 1986, 31)

Talvez possa-se fazer como Luce Giard em “A invenção do cotidiano”:

“ouvir nas mulheres as “vozes vivas e diversas, que se aprovam, se comovem, se lembram; vozes que se lastimam, respondem e contradizem. Vozes que revelam, sem pretensão, com palavras do cotidiano, práticas comuns. Vozes de mulheres que revelam a vida das pessoas e das coisas. Vozes, simplesmente, vozes”(Certeau, 1996, 224)

Essa dimensão do cotidiano favorece a elaboração de um traçado concreto a respeito das histórias de determinado grupo de mulheres. Pode-se tentar descobrir de que forma, por exemplo, a televisão que costuma ser o meio de comunicação de maior



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

acesso às classes socialmente marginalizadas influencia na evolução da condição feminina, aqui entendida em termos de exercício de direitos.

O poder da televisão

As sociedades modernas caracterizam-se pela emergência e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Segundo Sandra Jovchelovitch até mesmo uma consideração rápida da presença dos meios de comunicação na vida social contemporânea revelará a extensão das transformações que elas introduziram. (Jovchelovitch, 2000).

Mesmo que de forma superficial, pode-se dizer que a educação informal através da televisão contribui para o acesso a informações pela mulher socialmente marginalizada.

A força da televisão pode ser enfatizada ao apresentar-se dados estatísticos que revelam a evolução da porcentagem de aparelhos televisivos nos domicílios por municípios nos anos de 1970, 1980 e 1991.

Na região Nordeste, em 1960 uma média de 0,26 % de domicílios possuíam aparelhos de TV. Dez anos depois esse número saltava para 6%. Em 1980, 28,1% dos domicílios apresentavam os aparelhos e em 1991 quase metade (48,7%) das casas nordestinas possuíam televisão.

Esther Hamburger estabelece as seguintes considerações quando o assunto é televisão:

“Longe de prover interpretações consensuais, ela fornece um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo e regiões diferentes se posicionam, se situam umas em relações às outras. Ao tornar um repertório comum acessível a cidadãos os mais diversos, a TV sinaliza a possibilidade, ainda que sempre adiada, da integração plena. Ela como que alimenta cotidianamente uma disputa simbólica, uma corrida pelo domínio das informações necessárias, um jogo de inclusão e exclusão social” (In: Novais, 1998, 441-2)



Programas voltados para o público feminino

Em seu artigo: “Programas femininos em televisão: perspectivas multiculturais”, Mérli Leal Silva assinala que *os programas femininos em TV obedecem uma lógica nefasta e repetitiva: retratam o cotidiano feminino de forma reduzida, naturalizado em ações repetitivas, ligados aos cuidados da família e do lar. Difícil falar em televisão sem que o discurso percorra os dois lados da moeda. Dicotomias ligados à vida cotidiana, maniqueísmos de pós-modernidade”*.

A fórmula para os programas ditos femininos estão prontas e imutáveis. A jornalista Giovanna Castro ironicamente descreve a receita para um programa feminino: *“pegue um chef de cozinha para dar algumas dicas de culinária, um ginecologista para esclarecer dúvidas sobre a saúde da mulher, junte com algumas entrevistas com artistas e reserve. Em outro recipiente, acrescente algumas dicas sobre como cuidar dos filhos, do marido e da casa, discussões infinitas sobre orgasmo e, no máximo, algumas pitadas de debates sobre atualidades e mercado de trabalho Leve tudo às telas da tevê e está pronta a receita de um programa feminino, daqueles que costumam dar bons índices de audiência”*⁵

Nesses programas é agendada toda uma estrutura simbólica que caracteriza um modelo convencional de mulher como se pode observar com as freqüentes receitas culinárias, dicas sobre moda e saúde. Para isso são utilizadas certas estratégias de aproximação às vezes até extravagantes, por exemplo, um convidado famoso prepara um prato cuja elaboração é toda comentada. Não é raro nessas cenas algumas exclamações que valorizam o fato de uma pessoa do gênero masculino realizar atividades “típicas” do mundo feminino, caracterizando a excepcionalidade do ato. São situações recorrentes que reapresentam velhos estereótipos confundidos com imagens não tão habituais: o homem na cozinha.

⁵ CASTRO, Giovanna. As quatro fantásticas. Jornal Correio da Bahia, 15 de abril de 2002. Caderno Folha da Bahia.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Além da culinária um outro campo que é agendado é a vida dos artistas dando-se ênfase aos assuntos de bastidores fornecendo uma representação de intimidades: brigas entre artistas, doenças, manias, virtudes, gostos, amores.

Como é comum aos produtos midiáticos destinados ao público feminino em geral, as dicas de beleza e moda são constantes, revelando um dos estereótipos associados à condição feminina. Ao lado desses toques que podem ser caracterizados como superficiais, são incluídos assuntos compensatórios, que podem funcionar como de “utilidade pública”: dicas de economia doméstica, limpeza do lar, educação de crianças pela família.

Quando os apresentadores dos programas querem fugir do formato culinária-moda-artesanato dizem estar oferecendo uma *revista eletrônica* e não mais um programa feminino. Sônia Abrão, apresentadora do *Falando Francamente* da emissora SBT ao comentar sobre a estréia de seu programa disse que ele “passaria longe do fogão, mas não deixaria de ter jornalismo e fofoca”. Entenda-se por jornalismo a leitura de matérias de jornais diários e revistas semanais. E a *fofoca* parece fazer parte do universo feminino de maneira inquestionável.

Mérli Silva afirma que *“o velho modelo patriarcal está presente em tudo que é produzido na televisão. Ao cruzarmos inclusive questões de raça e classe social teremos um quadro pernicioso e preocupante da indústria cultural mediática representada pela televisão. O mais popular dos meios de comunicação, é também o que possui mais condições de reforçar a desigualdade entre homens e mulheres, ricos e pobres, negros e brancos e por aí vai. Sua força está no poder de sedução de trazer imagem em movimento e som, uma perfeição da tecnologia”*.

As vozes das mulheres

Para descobrir como os programas voltados para o público feminino, estão influenciando determinados grupos de mulheres socialmente marginalizadas com pouco acesso a outros meios de comunicação que não a televisão, pode-se utilizar uma maneira semelhante a que Barbero defende: conversar com as pessoas sobre a televisão e os



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

programas que pretendem ser analisados. Apesar dele tratar especificamente da análise de telenovelas pode-se fazer uma correlação com os programas femininos.

“Por un lado, hemos tratado de ubicar el papel que julga un medio en la vida cotidiana de la gente. Es decir, antes de hablar de la telenovela, hay que hablar de lo que Bourdieu llama: el modo de relación con. Digamos que se trata de ver qué busca la gente en el medio, qué espera de él, qué le pide al medio; porque por ahí pasan los hábitos de clase” (Barbero, 1996, 55)

Raymond Williams citado por Itânia Gomes em sua dissertação de mestrado “Ingenuidade e televisão” entendia que:

“Os processos comunicativos estão inseridos no processo cultural mais amplo. A cultura não pode ser compreendida sem referência à sociedade, ou seja, às práticas sociais dos indivíduos. Para se compreender a comunicação é necessário partir não da noção de meio, mas da noção de prática. Práticas sociais são discursos. Uma sociologia da cultura deve superar a distinção entre uma sociologia dos meios e uma sociologia dos públicos e adotar como princípio fundamental a unidade complexa dos elementos. Os indivíduos, receptores dos produtos culturais contemporâneos, pertencem às classes populares. (...)” (Gomes, 1995)

Para estudar a recepção de programas femininos junto às mulheres socialmente marginalizadas deve ser realizado a partir dos posicionamentos propostos por Gomes nos quais é possível observar uma complexidade que justifica um estudo rigoroso.

“estudar recepção não se traduz por checar se a audiência alcança os sentidos transmitidos pelos meios de comunicação. Ao contrário, procuram-se os diferentes sentidos que a audiência constrói a partir das mensagens disponibilizadas pelos media. A própria diversidade de sentidos construídos é muitas vezes considerada, em si mesma, testemunho da atividade dos receptores. A noção de que a ideologia é um verdadeiro lugar de luta, a atribuição de poder aos sujeitos e grupos para intervir nos



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

sistemas políticos e significantes e o entendimento dos media como lugar de construção da hegemonia vão justificar o surgimento daquilo que se denominou estudos de recepção de media. Mas os estudos culturais se preocupam não com qualquer media, mas com os media populares, o que ao mesmo tempo em que nos remete ao seu projeto político, marca a ênfase na televisão”. (Gomes, 1995)

Para alcançar as vozes das mulheres socialmente marginalizadas é necessário estar nos bairros populares para ouvir a mulher pobre, negra e de baixa escolaridade.

Com essa demarcação abre-se mão de um estudo de grande abrangência optando-se por um recorte capaz de revelar aspectos não cogitados nas leituras muito amplas. Para isto leva-se em consideração o aconselhamento de Bourdieu:

“(...) não podemos captar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la, porém, como “caso particular do possível”, conforme a expressão de Gaston Bachelard, isto é, como uma figura em um universo de configurações possíveis”. (Bourdieu, 1994, 15)

É necessário, então, ouvir as mulheres que estão nos bairros populares e como diz Bourdieu, *“espera-se produzir dois efeitos: mostrar que os lugares “difíceis” (...), são, primeiramente, difíceis de descrever e de pensar e que é preciso substituir as imagens simplistas e unilaterais (aquela que a imprensa sobretudo veicula) por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis; e, à maneira de romancistas como Saulkener, Joice ou Virgínia Woolf, abandonar o ponto de vista único, central, dominante, em suma, quase divino, no qual se situa geralmente o observador e também seu leitor (...), em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade dos pontos de vista coexistentes e às vezes diretamente concorrentes”*(Bourdieu, 1997, 11)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A partir dessa perspectiva é possível identificar micro-lógicas impossíveis de serem reveladas a partir de leituras genéricas as quais tendem a produzir “discursos universais” a custa do silêncio das falas dissonantes.

A televisão pode contribuir de forma significativa para a mudança de mentalidades. Enquanto os programas voltados para o público feminino perpetuarem essa fórmula de culinária-moda-beleza que datam desde 1957 e que não atendem a todas as camadas de mulheres, pois não são observadas as especificidades que estão por trás das relações de gênero, classe e raça/etnia, fica difícil promover práticas cidadãs para as minorias sociais nos meios de comunicação.

Para Mérki Silva, *“conscientizar homens e mulheres dos enganos que a mídia comete por considerar para sua ação apenas os modelos da classe dominante é um começo para repensar o processo e questionar as estruturas de poder instituídas”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBORNOZ, Suzana (Coord.). *Na condição de mulher*. Rio Grande do Sul: gráfica universitária da APESC, 1985. 109 p.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- BARBERO, Jesús Martín. *Pré-textos: Conversaciones sobre la comunicación y sus contextos*. Colombia: universidad de valle, 1996 p. 53-61.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. Tradução por Marisa Corrêa. São Paulo: papirus, 1994. p. 15
- BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: vozes, 1997. p 11-12.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução por Epraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro: vozes, 1996, v.2, p. 37 – 69 , 222- 228.
- GOMES, Itânia Maria Mota. *Ingenuidade e televisão. Investigação sobre o conceito de recepção e o processo comunicativo*. Salvador: FACOM/UFBA, 1995, cap. 4. (dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas.
- HAMBURGUER, Esther. *Diluído fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano*. In: NOVAIS, Fernando A.(org). *A história da vida privada no Brasil*: São Paulo: companhia das letras, 1998, v. 4 p. 439-487.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Rio de janeiro: vozes, 2000, p. 89 – 110.
- MORGADO, Belkis. *A solidão da mulher bem casada*. São Paulo: José Olympio, 1986. 107 p.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. Rio de Janeiro:ed.34, 1999, p. 104 –149.
- SILVA, Mérli Leal. *Programas femininos em televisão: perspectivas multiculturais*. Texto acessado no Banco de Papers do site do Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Rio de Janeiro: vozes, 1999.p. 13 –69.